O TRATAMENTO DA COMUNIDADE LGBTI+ NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DO LIVRO "VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL"

THE TREATMENT OF THE LGBTI+ COMMUNITY IN THE MEDIA: AN ANALYSIS OF THE BOOK "RED, WHITE & ROYAL BLUE"

Miguel Araujo Leandro, Robson Bastos da Silva

Universidade Santa Cecília, Faculdade de Artes e Comunicação, Curso de Jornalismo
E-mail para contato: miguel.araujoleandro@gmail.com

RESUMO – Este estudo investigou o tratamento da comunidade LGBTI+ na mídia por meio da análise do livro "Vermelho, Branco e Sangue Azul" (2019) de Casey McQuiston, com o objetivo de evidenciar como a representatividade da comunidade ainda é negligenciada e manipulada, traçando um paralelo com a obra e o cenário comunicacional atual. A metodologia incluiu pesquisa de campo com 56 alunos da Faculdade de Arte e Comunicação da Universidade Santa Cecília. Os resultados mostraram que, embora a cobertura da mídia ainda seja estereotipada, a comunidade queer está ganhando mais espaço de fala na área de comunicação. Conclui-se que a mídia ainda precisa integrar melhor a comunidade LGBTI+ em suas narrativas.

Palavras-chave: LGBTI+; Vermelho, Branco e Sangue Azul; Mídia; Representatividade.

ABSTRACT – This study investigated the treatment of the LGBTI+ community in the media by analyzing the book "Red, White and Blue Blood" (2019) by Casey McQuiston, with the aim of highlighting how the representativeness of the community is still neglected and manipulated, drawing a parallel with the work and the current communication scenario. The methodology included field research with 56 students from the Faculty of Art and Communication at Santa Cecília University. The results showed that, although media coverage is still stereotyped, the queer community is gaining more speaking space in the field of communication. The conclusion is that the media still needs to better integrate the LGBTI+ community into its narratives.

Keywords: LGBTI+; Red, White and Royal Blue; Media; Representativeness.

Tipo do trabalho: (X) Iniciação científica ( ) Iniciação tecnológica ( ) Extensão

1 INTRODUÇÃO

A literatura desde seu surgimento se constitui como uma instituição social e cultural. Além de trazer elementos linguísticos característicos das relações humanas, tenta remontar o mundo e desconstruir alguns padrões sociais. Best-seller da lista do New York Times nos últimos cinco anos, o livro Vermelho, Branco e Sangue Azul (2019) [6], de Casey Mcquiston, retrata a história de romance entre o filho da presidente dos Estados Unidos e um príncipe britânico, apresentando aspectos políticos e culturais, além da pauta da representatividade da comunidade LGBTI+. Com o início do movimento LGBTI+ na década de 1970, sua representatividade se estabelece como uma prática recente. Entretanto, o discurso da mídia, pelos mais diversos meios de comunicação, ainda carrega com si muitos estigmas. Em vista disto, o presente estudo tem como objetivos, através da análise do livro, traçar sua associação com o contexto histórico-social atual, com a comunidade LGBTI+ no que se remete ao tratamento na mídia

Neste trabalho foi realizada uma pesquisa de campo para questionar sobre o tratamento da comunidade LGBTI+ na mídia com o público-alvo de estudantes do ensino superior na área de comunicação (Jornalismo e Publicidade e Propaganda), com idades entre 17 e 30 anos, que responderam a uma pesquisa quantitativa. O tema foi escolhido porque a leitura, a comunicação e a política podem ser integrativas.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para esse trabalho, foi feita pesquisa de campo com 56 alunos da Faculdade de Artes e Comunicação (FaAC) da Universidade Santa Cecília (dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda) entre o 1º ao 4º ano, com a faixa etária de 17 até 30 anos (considerando 12,7% de participação na faixa etária entre 26 a 30 anos), através da plataforma Google Forms com perguntas que trazem reflexões sobre a temática. Após a pesquisa, foi desenvolvida a análise das informações para compressão do pensamento do público amostral.

Segundo José Filho [4] (2006, p.64) “o ato de pesquisar traz em si a necessidade do diálogo com a realidade a qual se pretende investigar e com o diferente, um diálogo dotado de crítica, canalizador de momentos criativos”. Dessa forma a escolha dos alunos do curso da FaAC justifica-se por apresentarem um conhecimento sobre o que tange os fluxos comunicacionais.

No tocante à análise do livro Vermelho, Branco e Sangue Azul (2019) [6], foi realizada a leitura da obra e sua correlação com a problemática. Além disso, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica para traçar uma linha de evolução da mídia em relação com a comunidade LGBTI+ através das plataformas de busca acadêmica (Scielo e Google Scholar).

Durante a elaboração da pesquisa, se optou pela escolha da utilização da sigla LGBTI+, pelo fato da mesma ser adotada pela Aliança Nacional LGBTI+ [7] no Brasil, que contempla "a população lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual e intersexo (...) o símbolo + foi acrescentado à sigla LGBTI para abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero" (Reis org, 2021, p. 12).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos anos 70, surgiram manifestações da comunidade *queer* que visavam expor sua realidade produzindo, como resistência, outros discursos sobre si mesmos, principalmente através da literatura. Em seu artigo Leite (2014) [5], remonta à literatura de Michael Foucault, na qual é observado que "a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade (...) dentro do vocabulário e com as categorias". Isso se concretiza, nos dias de hoje, por exemplo, através do livro Vermelho, Branco e Sangue Azul (2019) [6], que trata de assuntos relevantes como a política, identidade e visibilidade LGBTQI+ propondo uma leitura que entretém, inspira e provoca reflexão sobre questões contemporâneas.

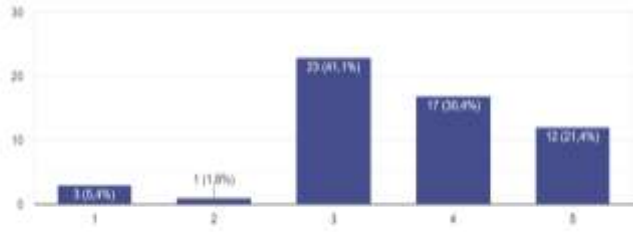
Inicialmente, vale salientar que, dos participantes da pesquisa, 18 pessoas (32,1%) se declaram pertencentes à comunidade LGBTI+ enquanto 38 pessoas (67,9%), não fazem parte da comunidade. No que diz respeito aqueles que fazem parte da comunidade queer, 21,8% dos participantes se sentem representados, enquanto 12,7% não se sentem representados. Os participantes restantes, no que tange 65,5%, não se sentem representados pois não fazem parte da comunidade.

É necessário entender que na aglomeração de identidades e sexualidades distintas sob o mesmo guarda-chuva, existe um indicativo de disputas. Segundo o artigo de Fernandes (2018) [3], "o conceito do gênero tem, não só um apelo relacional, mas também passa a ser uma ferramenta política, visto que os sujeitos que desafiam essas normas culturais", isso outorgado a comunidade LGBTI+, uma vez que hoje nomes como Erika Hilton, primeira deputada federal e Guilherme Cortez, deputado estadual de São Paulo servem de exemplos para a mudança de

tratamento da comunidade LGBTI+ na mídia no âmbito político, o que também é representado através do senador ficcional do Colorado, Rafael Luna no livro [6].

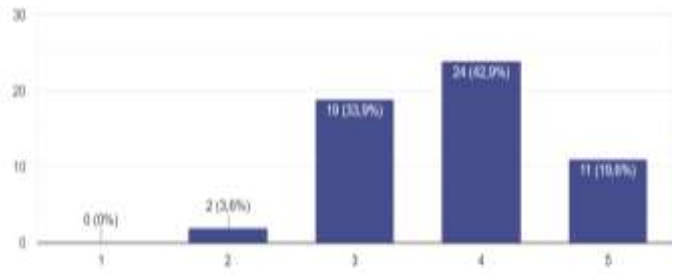
Democratizar a mídia não se direciona somente em ampliar o acesso e busca da pluralidade nas representações, mas também no processo de construção do espaço e figura dessas representações. Os estudantes tendem a concordar sobre a cobertura da mídia sobre a comunidade LGBTI+, mas ela continua a ser estereotipada. Também acreditam que, no que se contempla a área de comunicação, a comunidade LGBTI+ está ganhando mais espaço de fala, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1 – Pergunta 1.



Nesse entendimento, a mídia contribui para a construção dessa realidade e assim está fortemente relacionado no compartilhamento de valor ou na reprodução destes. É importante ressaltar a mídia como resultado da cultura na qual está inserida. Percebe-se que nem sempre a visibilidade de questões diversas às normas sociais, como a comunidade queer, são construídas através de discursos que visam assegurar o exercício da cidadania. Entre 62,5% dos estudantes, o cenário midiático se mostra promissor no tratamento da comunidade *queer* nos próximos anos, apesar de 37,6% ainda não ter certeza dessa mudança, conforme mostra a Figura 2.

Figura 2 – Pergunta 7.



Para Ergon Cugler de Moraes Silva, pesquisador do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e um dos coordenadores da pesquisa da USP, de 2021, que apontou 43 lacunas em políticas para as populações LGBTQIA+ em nível federal, salienta [8] que embora haja avanços importantes na representação da comunidade LGBTQIA+ na mídia, a falta de representação autêntica e diversificada reforça a invisibilidade dessas populações e perpetua a ideia de que as lutas da comunidade *queer* são homogêneas e descoladas de outras questões sociais. Por isso é necessário um compromisso midiático, que reconheça e desafie as estruturas de poder contra a discriminação e a exclusão.

4 CONCLUSÕES

Através deste estudo, foi possível alcançar o objetivo de relacionar o livro Vermelho, Branco e Sangue Azul (2019) [6] com uma interpretação do contexto histórico-social atual, além de evidenciar como a representatividade da comunidade LGBTI+ no que se remete ao tratamento na mídia ainda é negligenciada e manipulada. Entende-se que mesmo através da construção de sentidos sobre as relações de gênero e sexualidade na sociedade moderna, as mídias sociais não deveriam basear-se apenas na tolerância e no respeito, mas contribuir de forma efetiva para a construção de um espaço público democrático. Através da escrita de McQuiston é possível perceber como elu consegue destacar a importância da representatividade e da aceitação, e proporciona aos leitores LGBTQI+ um espaço de identificação. Agradeço o apoio dos docentes e discentes da Unisanta, além de Ergon Cugler, que tornaram possível a realização deste trabalho. Para estudos futuros, seria interessante focar no papel da desinformação e do discurso de ódio, disfarçados de ‘opinião’, no contexto da comunidade LGBTQI+ fomentado pela mídia, contribuindo para uma compreensão profunda e evidente nas redes sociais, onde narrativas preconceituosas e desinformação potencializam seu alcance.

5 REFERÊNCIAS

1. DALL'ORTO, F. C. Representatividade e diversidade da comunidade LGBTI+: a construção discursiva das colunas opinativas na Folha de S. Paulo e na Mídia Ninja. 2022. Tese (Doutorado em Estudos Culturais).
2. DARDE, V. W. da S. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. Em Questão, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 223–234, 2009.
3. FERNANDES, M. P. Comunicação e visibilidade política em paradas LGBT. 2018.
4. JOSÉ FILHO, M. Pesquisas: contornos no processo educativo. In: JOSÉ FILHO, M; DALBÉRIO, O. Desafios da pesquisa. Franca: UNESP-FHDSS, 2006. p. 63-75

5. LEITE, E. S. O discurso da mídia e a homossexualidade. Cadernos de Letras da UFF, v. 24, n. 48. 2014.
6. MCQUISTON, C. Vermelho Branco e Sangue Azul. 1ª edição. Editora Seguinte, 2019.
7. REIS, Toni; CAZAL, Simón (org.). Manual de comunicação LGBTI+ [livro eletrônico]. 3. ed. Curitiba: IBDSEX, 2021. (Enciclopédia LGBTI+; 1).
8. SILVA, E. C. de M. Pesquisador em entrevista concedida especialmente para esta pesquisa, no dia 19 de agosto de 2024, por WhatsApp.